

CRISTINA PORTO



MICHELE

DIÁRIO
ESCONDIDO
DA
SERAFINA


Coleção
Serafina


editora ática



Querido diário:



Eu não poderia viver sem ter um esconderijo. Minha mãe diz que desde pequenininha eu sou assim: brincava, brincava, brincava e, de repente, ia me recolher embaixo de alguma mesa, atrás do sofá ou até dentro de algum armário. E ficava no meu esconderijo até ter vontade de voltar para o mundo de novo. E isso podia levar dez minutos, meia, uma ou duas horas...



Agora, que já estou mais crescida, prefiro esconderijos mais escondidos, misteriosos... No sítio do meu vô Quim, por exemplo, ele fica no galho mais alto de um abacateiro, perto da paineira onde um João-de-Barro fez sua casinha. Só que como a minha casa é pequena e tem um quintal também pequeno, nunca pude inventar muita coisa.

O jeito sempre foi escolher um cantinho gostoso, avisar à minha mãe que aquele era o meu esconderijo e pedir a ela que não me procurasse quando eu sumisse sem falar nada. E ainda bem que ela sempre entendeu e respeitou minha vontade e meus pedidos.

Mas sabe onde é o meu atual esconderijo, diário? É na casa do seu Nonô, ou melhor, no quintal da casa dele. Você imagina que ele pegou uns caixotes de madeira, desmanchou, ajeitou daqui, ajeitou dali, e fez uma espécie de “toquinha” para ser meu esconderijo? Ficou parecendo coisa de livro de bruxa e fada.

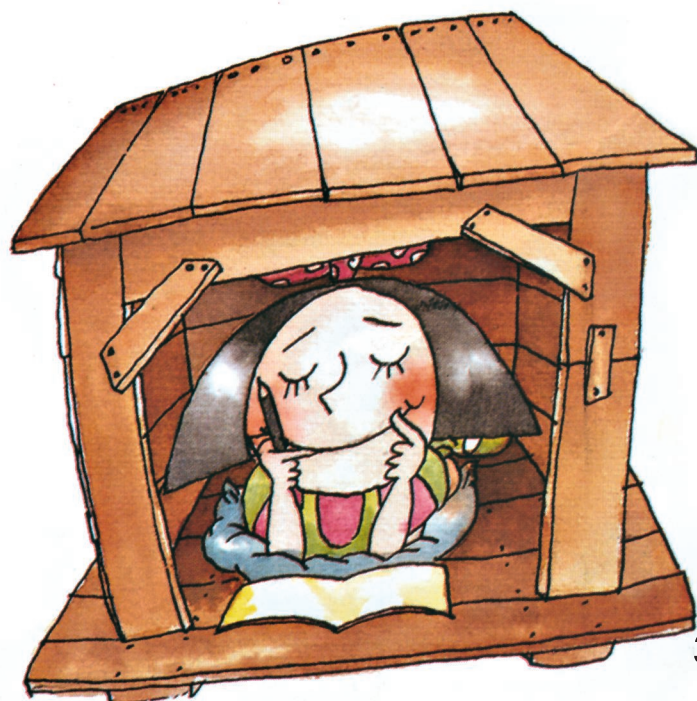


Dá para eu ficar sentada em cima de uma almofada e dá até para deitar, meio encolhida, fazendo da almofadinha um travesseiro. É por tudo isso que eu adoro, mas adoro mesmo, o seu Nonô! Ele me entende direitinho, não pergunta nada, não acha nada estranho... Aliás, quanto mais o tempo passa, mais o seu Nonô adivinha o que eu sinto, o que eu penso e o que eu quero. Pois é... e é daqui, do esconderijo mais lindo e gostoso que já tive, que resolvi escrever você, diário. Que, na verdade, não vai ser um diário, pois eu não vou querer me esconder todos os dias, claro, só de vez em quando. Então, como vou chamar você? Não sei.

E, enquanto não fico sabendo, fico chamando de diário mesmo.

Tchau, tchau.

P. S.: Acho que vou deixar você guardado aqui mesmo, dentro de um saquinho plástico. Se chover, peço a seu Nonô que leve você para dentro. Ele nunca iria xeretar para ver o que está escrito. É. É mais seguro do que ficar andando com você pra baixo e pra cima.



Querido diário, querido esconderijo:

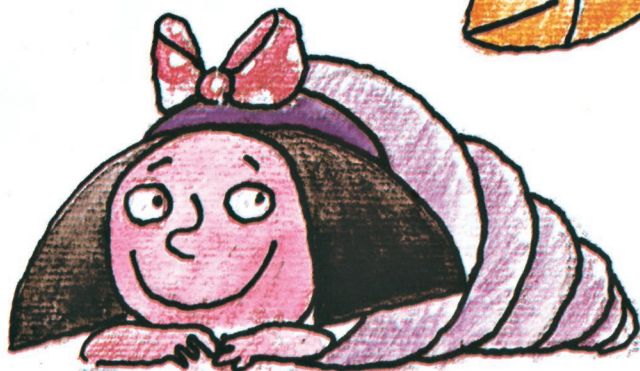
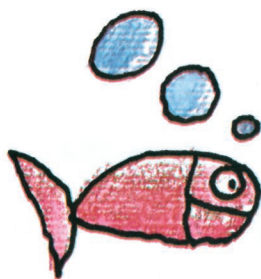
Você já está com um tapetinho de retalhos bem coloridos, a almofada, que veio primeiro, sozinha, um vasinho de flor e, agora, algumas conchinhas da minha coleção.



Querido diário:

Resolvi trazer as conchinhas para cá, hoje, porque sonhei com uma conchona, grande e linda, às vezes rosa, às vezes azul, que servia de esconderijo, você acredita? Dava para eu ficar bem acomodada dentro da concha, aberta ou fechada. Quando ela se fechava, deixando só uma frestinha para eu poder respirar, dava para ouvir a voz do mar.

Que sonho bonito! Aliás, eu também tenho uma coleção de sonhos bonitos. Qualquer dia ainda vou escrever um diário de sonhos.





Agora vou parar de escrever para galopar um pouco. Tá pensando que eu fiquei maluca, diário? Não fiquei, não. Sabe o que é? É que quando estou com uma ideia meio chata, meio boba e bem turrona me martelando a cabeça, eu deito, fecho os olhos e imagino que estou galopando num campo sem tamanho! Não precisa ser cavalo branco, nem ter asas, nem nada. É só ser bom de galope para a brincadeira funcionar: a ideia voa da cabeça e vai embora com o vento. É a primeira vez que vou galopar no meu novo esconderijo. Tchau, tchau.

